

RICARDO SERAFIM

4º

A
Sociedade
do
Túmulo



A SOCIEDADE
DO
TÚMULO

por Ricardo Serafim

1

Maria Cristina estava impaciente com a espera. Já fazia cerca de 40 minutos desde que o homem de máscara e com a máquina de tatuagem saiu, deixando-a sozinha em uma das inúmeras antessalas da mansão. A tatuagem recém-feita ainda ardia, e ela levantou-se da poltrona para se olhar no espelho de cristal do outro lado da sala. De frente para o espelho, abaixou suavemente o decote do vestido cerimonial até as curvas dos seios, revelando por inteiro a nova marca. A tatuagem entre os seios era um desenho iconográfico de um cravo-de-defunto, com as letras *MVE* entrelaçadas ao centro da corola, e ao fundo, a silhueta de uma cruz gótica.

Morto para Viver Eternamente.

O lema da sociedade. Essa, entre outras coisas, era o que Cristina havia aprendido nos últimos dois dias. Haviam os ritos e cerimônias, os cumprimentos e os locais de encontro, assim como também haviam as regras e as leis. Descumpridas as regras, haveria o castigo, que poderia ser aplicado na forma tradicional, ou seja — punição física — executada através dos velhos instrumentos de madeira e couro, ao passo que a desobediência às leis era passível da aplicação do *corte dos laços*, um eufemismo para a

morte.

Admirando-se no reflexo, ela passou suavemente a ponta dos dedos sobre a nova marca e se pegou pensando na ironia do fato de nunca ter cogitado a ideia de fazer uma tatuagem. Uma marca secreta, tão secreta quanto a mansão, as entradas, os carros pretos e todo o resto. A tatuagem deveria ficar sempre oculta, foi o que lhe disseram, o que não seria difícil tendo em vista o local onde fora feita.

— Com licença, senhorita.

A voz inesperada do mordomo causou-lhe um sobressalto. Estava tão imersa em pensamentos que não percebeu o funcionário se aproximando silenciosamente por uma das pequenas portas à sua direita. Ela começou a colocar o cabelo para trás das orelhas, num gesto involuntário que sempre fazia quando ficava nervosa.

— Queira me acompanhar, por gentileza.

Cristina se recompôs, arrumou o decote do vestido cerimonial e jogou os cabelos para trás. Se pegou alisando as palmas das mãos, e se deu conta de que estavam suadas.

Enquanto seguia o mordomo através dos labirintos escuros da antiga mansão, ela sentiu a pressão que aquelas paredes carregadas de mobílias causavam sobre sua percepção precária da realidade. Uma sociedade secreta não poderia ter escolhido local mais apropriado como sua sede. Os quadros nas paredes lhe causavam desconforto. Eles retratavam pessoas vestidas de preto, com expressões vazias e olhares estranhamente distorcidos. Apesar da decoração austera, havia no ar um clima de lenta decadência, como se tudo dentro daquela mansão estivesse morto. Os móveis, as cortinas, os adornos, havia em tudo as marcas de um passado

distante. Os desgastes, os cantos raspados, os pequenos rasgos e arranhões eram os últimos resquícios de quando aquela mansão abrigou vida pela última vez.

O mordomo parou em frente a uma porta dupla com puxadores de cobre, virou-se e fez sinal para que ela esperasse. Em seguida, entregou-lhe uma máscara, retirada de dentro de uma elegante caixa de cetim. Era uma máscara de corça.

— Entre assim que for anunciada — disse ele, sumindo por uma porta lateral.

Ela colocou a máscara, assim como fora previamente instruída.

Do outro lado da porta dupla, ouviam-se as vozes, risos contidos e uma música de câmara ao fundo. Cristina deu um passo para trás, fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu novamente, sua visão foi atraída para um quadro que ficava sobre a porta. A obra retratava um grupo de pessoas vestidas de preto ao redor de uma sepultura no chão, ao fundo, via-se os contornos de uma enorme edificação. Segundo a plaquinha de metal incrustada na moldura, a pintura chamava-se *O Enterro*. Demorou não mais do que alguns segundos para que Cristina identificasse que a casa retratada ao fundo era aquela mesma mansão. O detalhe mais perturbador era a aparente feição de satisfação nos rostos pintados.

Antes que pudesse conjecturar mais a respeito da pintura, ela ouviu seu nome sendo anunciado. A porta dupla se abriu, revelando um suntuoso salão de festas onde cerca de trinta pessoas estavam esperando. Cada convidado vestia-se de acordo com a ocasião. Todos usavam máscaras, incluindo os empregados, que

ostentavam a mesma máscara de rato.

— Senhoras e Senhores, deem boas-vindas à nossa nova irmã.

Sua entrada foi tímida. À medida que passava, um a um, os membros da Sociedade cumprimentavam-na. Cristina foi conduzida por seu padrinho e posta para sentar-se em um trono de madeira adornado, disposto ao centro do salão. Um homem velho com máscara de orangotango veio caminhando em sua direção e, com suas mãos trêmulas, colocou delicadamente um cravo-de-defunto na alça de seu vestido. Após isso, ele curvou-se e beijou as costas de sua mão.

— Prazer em recebê-la. Está pronta para fazer o juramento?

Todos se calaram para ouvi-la prestar seus votos de fidelidade. Quando ela terminou, houve uma salva de palmas. Ela sentiu-se como uma criança que acabara de passar em uma prova oral.

Seu padrinho, que usava a máscara de lobo, levantou-se e pediu a atenção dos presentes.

— Boa noite a todos. Esta é uma ocasião muito especial. A irmã Corça fez por merecer a dádiva que receberá esta noite. O nascimento de uma nova irmã, além de nos trazer uma imensa alegria, é a certeza de que a nossa Sociedade continua viva e próspera. Novos membros como ela são a continuidade de nosso legado. Atravessamos séculos regidos pelos princípios íntegros da arte, e vamos perdurar por muito mais tempo enquanto mantivermos a chama da Musa acesa.

O homem com máscara de lobo ergueu uma taça de champagne. Todos acompanharam o gesto.

— Em homenagem à Musa, damos as boas-vindas à nossa nova irmã, a Srta. Corça!

— À Srta. CORÇA! — todos brindaram.

O Sr. Lobo virou-se e foi até o trono, abraçou-a, e entregou-lhe uma taça de champanhe.

— Parabéns, Cristina. Agora você é uma de nós! Aproveite a festa, *a primeira noite é sempre inesquecível* — disse ele.

Um homem com máscara de coelho sentou-se ao piano de cauda e começou a executar Vivaldi. Os criados começaram a servir aperitivos e os convidados a conversarem entre si. Duas mulheres se aproximaram de Cristina e começaram a enchê-la de perguntas. Queriam saber como estava se sentindo, de onde viera e que tipo de artista ela era. A festa continuou animada.

Do outro lado do salão, o Sr. Orangotango fumava o seu charuto e contava piadas. A Sra. Lebre sentou-se ao piano, ao lado do Sr. Coelho, e cantou músicas de salão enquanto alguns casais dançavam.

A despeito de toda agitação, Cristina percebeu quando um dos convidados saiu do salão. Após alguns instantes, o homem retornou. Trazia um cálice de prata e o entregou diretamente para o Sr. Lobo que, por sua vez, cumprimentou o colega com um olhar. Cristina girou o rosto enquanto o Sr. Lobo veio caminhando em sua direção.

— O que é?

— Uma tradição. Experimente!

Cristina não estava bem certa do que fazer. Não queria misturar as bebidas, mas queria menos ainda desapontar seu padrinho. Ela tomou o cálice nas mãos, o objeto massivo era mais pesado do que imaginou, e bebeu todo o vinho de uma só vez. O gosto era forte e amargo. Ela devolveu o cálice e limpou a boca com a

manga do vestido.

— Boa garota.

Um sorriso de satisfação sobressaiu-se por debaixo do focinho da máscara de lobo.

2

A medida em que a festa prosseguia, Cristina começou a se sentir enjoada. Primeiro ela pensou que fossem apenas os sinais retardados do nervosismo, contudo, o enjoo evoluiu para uma insistente pontada no estômago. Ela parou de prestar atenção quando falavam com ela e tentou disfarçar o mal-estar o melhor que pôde. Quando o incômodo se tornou agudo, ela se viu obrigada a pedir licença e sair discretamente do salão para procurar um banheiro, o mais afastado que pudesse encontrar. Não queria correr o risco de entrar num toalete com algumas das elegantíssimas novas irmãs da Sociedade. Sabia que a dor no estômago lhe faria vomitar e em hipótese nenhuma ela queria que lhe ouvissem colocando as tripas para fora.

No andar superior da mansão Cristina encontrou um pequeno banheiro afastado. Ela colocou tudo para fora, lavou o rosto e recolocou a máscara. Estava se sentindo um pouco melhor. Procurou na bolsinha de mão alguma bala de hortelã para disfarçar o hálito.

Quis ver as horas, mas lembrou-se que relógios não eram permitidos dentro da mansão. Deixara o seu próprio relógio de pulso com demais pertences, no salão de entrada. Sendo assim, não fazia ideia de como os membros gerenciavam o tempo. *Bem,*

penso que eles não ligam. Aqui dentro as coisas duram o tempo que precisam durar. Chutou que deveria ser algo entre duas e três da manhã. Estava em tempo de retornar ao salão principal. O enjoo estava voltando. Teve o pressentimento que a noite ainda guardava mais surpresas.

3

Enquanto voltava pelos corredores, iluminados por parcas lâmpadas amarelas que falhavam e tremeluziam, Cristina ouviu as notas melancólicas de um violino. A melodia era repetida no mesmo trecho, terminando abruptamente para logo em seguida recomençar. Moviada pela curiosidade, ela caminhou em direção ao som. Passou pelo corredor, até chegar a uma escada em espiral que dava para uma das torres da mansão.

Ela subiu os estreitos degraus de madeira a medida em que a música do violino se tornava mais audível. Ao final da escada, uma antiquíssima porta entreaberta deixava escapar um feixe de luz. Ela pensou em retroceder, estava sendo xereta e indo além dos limites. Contudo, no instante em que virou as costas para retornar, a música parou e surgiu o som de baque, seguido por um gemido alto. Era uma voz feminina.

Sem pensar duas vezes, Cristina entrou na sala e viu uma senhora de idade caída no chão. Ao lado havia um violino uma banqueta tombada.

— Perdão, senhora, posso ajudá-la? — disse ela, indo ao auxílio da mulher.

Assim que se recuperou do tombo, a idosa caminhou lenta-

mente até uma mesinha onde recostou o violino. Em seguida, sentou-se com dificuldade num divã. Sentada no divã, com a face iluminada pela luz de um candelabro, a senhora parecia um fantasma de vestido branco.

A estranheza da situação se transformou em surpresa e excitação quando Cristina reconheceu a pessoa que acabara de ajudar. Ela olhou fixamente para os olhos de pálpebras levemente caídos, os lábios finos e a postura sóbria. *É ela, não resta dúvida. Está mais velha e parece bem mais frágil do que nas fotos, mas é ela, com toda certeza.*

— Senhora, está tudo bem? Tenho que retornar agora... — disse ela, enquanto ia saindo e fechando a porta.

Cristina estava constrangida, não queria cometer mais nenhuma gafe, não na sua primeira noite. Contudo, a senhora fez um gesto suave com a mão, chamando-a de volta.

Ainda desconcertada, Cristina sentou-se no divã. Sentiu os nervos congelarem quando a senhora pegou em sua mão e lhe cumprimentou. O estômago embrulhou novamente.

— Qual é o seu nome querida? Não me recordo de você.

Os músculos que controlavam a fala pareciam que estavam desativados naquele instante, ela tentou falar, mas sentiu que ia gaguejar. Então, engoliu em seco e tentou responder com a maior naturalidade possível.

— Sou a Irmã Corça.

A senhora balançou a cabeça negativamente, mas de forma meiga. Ela pegou a ponta da máscara e a ergueu suavemente. Cristina terminou de revelar o rosto e repousou a máscara sobre o colo.

— Assim é bem melhor. Eles ainda fazem essas bobagens? Sempre achei essa história de máscaras uma infantilidade, mas, ao que parece, os homens têm um fetiche com essas coisas. Passaram-se décadas e as máscaras continuam. Qual é o seu nome querida, *o de verdade?*

— Maria Cristina.

— Muito prazer, Cristina. Me chamo Josephina dos Reis, talvez você já tenha ouvido falar de mim.

Cristina deixou escapar um risinho. É claro que ela já havia ouvido falar de Madame Josephina. Esse nome lhe era familiar da vida toda. Cresceu com ele nas capas dos livros, nas lombadas dos tomos na estante. Leu e releu todas as suas obras. Estudou várias delas. Dormia com um exemplar de *A Noite é Irmã da Morte* sobre o criado mudo. Uma de suas escritoras favoritas, talvez a pessoa mais responsável por lhe fazer desejar se tornar uma romancista, e estava sentada ao seu lado.

Ela quis dizer tudo isso de uma vez só. Falar como a admirava, como sua obra fora importante na sua vida, dizer como a considerava um gênio da literatura, dizer como aqueles livros influenciaram a sua vida, mas tudo que conseguiu dizer foi:

— Admiro muito o seu trabalho...

Um sorriso tímido surgiu na face de Madame Josephina. Pela sua expressão, Cristina sabia que a senhora havia compreendido toda situação. Sabia, apenas pelo brilho no olhar, que estava na presença de uma admiradora.

— Ouça, *Cristina*, você consegue reconhecer essa música?

Josephina pegou o violino, posicionou o arco, e executou novamente o mesmo trecho da peça que fora tocada repetidas vezes

antes do tombo. Cristina fez um sinal negativo com a cabeça.

— Não faz mal, querida, eu entendo. Hoje acordei com essa melodia na cabeça, mas não consigo me lembrar qual é a música, nem como termina. Coisas da velhice. Nem as mãos, nem a cabeça funcionam como costumavam funcionar. Às vezes fico com a impressão que envelhecer é como evaporar no ar... Você vai lentamente perdendo massa, se dissolvendo em lembranças. — Josephina fez uma pausa e retirou o instrumento do ombro. — Diga-me, Cristina, você toca?

— Não, senhora. Escrevo. Romances... Como a senhora.

Cristina sentiu um arrependimento imediato do que acabara de dizer. *Primeiro* por ser uma artista limitada a uma única área, diferentemente das artistas da geração de Josephina, gente que se destacava em alguma coisa como literatura ou poesia, mas que pintava, tocava e atuava quase tão bem quanto a atividade principal. Uma geração de artistas completos. *Segundo*, por insinuar, mesmo que de forma superficial, que escrevia romances *'como ela'*. Havia um precipício que separava os seus livros dos romances clássicos escritos por Josephina. O mais honesto seria ter dito: *escrevo romances que tentam ser tão bons quantos os seus, mas que falham miseravelmente nesta ambição*. Seus 27 anos pareciam ter regredido, pois ela se sentia como uma menina de doze na presença da escritora veterana.

— Ah! Uma romancista! É sempre bom conhecer uma colega de ofício. Venha, vamos tomar um chá.

A senhora levantou-se e foi caminhando devagar até o sofá no outro lado da sala. O vestido branco arrastando no chão a fez relembrar novamente dos fantasmas de seus próprios livros.

Cristina hesitou, temia que os convidados sentissem sua falta na festa, mas não se deu ao direito de desperdiçar a oportunidade de conversar com uma das pessoas que mais admirava no mundo.

Enquanto a idosa servia o chá, Cristina passou por uma prateleira de livros e, com a habilidade de uma admiradora, reconheceu a prateleira reservada às obras da escritora. Tinha afinidade com aquelas lombadas e com aqueles títulos. Já havia lido todos os seus vinte romances, começando com *Os Calabouços da Alma*, passando por *A Companhia do Nada*, chegando finalmente no último *As Ilhas da Morte*. Mas havia algo diferente, um livro a mais. O olhar treinado de Cristina chegou ao livro destoante. Chamava-se *Súplicas do Abismo*.

Engraçado, como eu nunca ouvi falar desse livro? Pensou ela.

O desconforto foi tal, que Cristina tirou o livro da prateleira para examiná-lo com calma. Ela o folheou, leu algumas partes. Sim, tratava-se de um romance, não qualquer romance, mas um longo, com mais de oitocentas páginas. Pelo estilo, ela deduziu que deveria ter sido escrito no auge da carreira literária de Josephina. Encontrar uma obra inédita de sua autora preferida era como encontrar uma pepita de ouro na margem de um rio. *Não, era melhor que isso.*

— Esse você não conhecia, não é? — indagou Josephina levando a xícara de chá até a boca lentamente, como um guindaste içando uma viga de aço.

Cristina guardou o livro de volta na prateleira e sentou-se junto da senhora. Pegou uma xícara e deixou que Josephina a servisse chá. Sentiu que o nervosismo estava passando, apesar de seu estômago começar a doer novamente.

— Agora que você é uma de nós, poderá lê-lo. Esta, e outras obras secretas... Essa casa tem algumas preciosidades escondidas, coisas muito boas, como você pode imaginar. É claro, nenhuma delas pode deixar essa propriedade. Eu costumava pensar nisso como uma biblioteca de Alexandria exclusiva para mim. Você poderia passar um ano inteiro aqui e não conseguiria ver nem metade do acervo.

— Todos os novo membros devem contribuir com uma obra exclusiva? É como um pagamento ou seria tipo uma oferenda?

Josephina olhou no fundo da xícara de chá. Cristina, reparou em seus olhos, eram leitosos, talvez em estado inicial de catarata. A veterana ficou calada, como se buscasse a resposta no fundo da xícara.

— Eu não pensaria dessa forma. É mais complicado do que isso. Não penso naquele livro que você estava olhando como um... *pagamento* ou *oferenda*... Para mim, ele é mais como, digamos, uma *celebração*. Quando chegar a sua vez, você vai entender.

Josephina sorriu, um riso menos natural, que tentava dissipar um clima estranho no ar.

— Vamos falar de você. Faz muito tempo que não conheço uma escritora nova. Depois que fiquei com a visão ruim, quase não saio mais dessa mansão. Fale-me sobre você. Todo mundo tem uma história, e normalmente é uma história boa.

Cristina tomou um pouco do chá. Quando o líquido chegou ao seu estômago foi como se tivesse recebido uma leve punhalada. Ela disfarçou o incômodo e colocou a xícara de volta na mesa. Achou por bem não tomar mais nada até que aquele incômodo sumisse de vez.

— Escrevo romances desde os 17. É claro, nunca consegui ser uma escritora popular. Me virava com o que tinha, e às vezes, na maioria das vezes, não tinha muito. Apesar de não ter o dinheiro, pelo menos tinha o prestígio. Meus livros eram bem aceitos pela crítica e constantemente recebia elogios. Deveria continuar escrevendo, persistindo e uma hora as coisas iriam acontecer para mim. Era uma questão de tempo.

— Mas não aconteceram, não foi querida?

— Não. Por mais que me esforçasse, por mais empenho que eu colocasse em cada nova obra, o resultado estava sempre inferior ao anterior. Chegou ao ponto em que até os elogios cessaram. Eu não tinha mais em que me apoiar. Os editores começaram a me evitar. Tive que me matar para conseguir ser publicada novamente. Somente uma pequena editora local me bancou. Foi o fim para mim. Havia perdido todo o prestígio. ‘A promessa não se cumpriu’, disse um dos críticos numa resenha de jornal, o jornal mais barato da cidade. Essa foi a única resenha que meu livro recebeu, nenhum outro se deu ao trabalho de sequer mencionar meu último romance.

Madame Josephina mexia calmamente a colher da xícara, estava genuinamente interessada no relato da recém-chegada.

— Era o fundo do poço. Sem editor, sem dinheiro, sem nada. Naquele momento, eu não vi outra saída que não fosse acabar com tudo. Foi então que eu fiz, você sabe, o que eles costumam chamar de *saída dos fracos*. E se estou falando com você agora, é porque não fui competente o suficiente para escolher o método adequado. Fiquei seis semanas internada e fiz um ano de psicoterapia. No final, as coisas melhoraram. Recuperei minha saúde

física, e, principalmente, meu amor à vida. Arranjei um emprego como professora e segui em frente. Para tanto, fiz uma resolução radical, decidi abandonar a literatura. Não tive forças para voltar às raízes do mal.

— E foi então, que a Sociedade do Túmulo apareceu...

— Sim. Recebi uma ligação anônima. A pessoa misteriosa contou que ficou sabendo da minha história e se interessou por mim. Ela disse que poderia me ajudar, mas que para isso, primeiro eu tinha que provar que era merecedora. Ela me chamou para um encontro num cemitério. No começo, estava relutante em ir, pensei que se tratava de uma brincadeira de mau gosto. Mas a voz do homem que me ligou, e que futuramente se tornaria o meu padrinho, era profunda e instigante. Passei o dia com aquela voz ressoando na minha cabeça, no final, decidi que deveria ir. Naquela noite, fui até o cemitério e esperei por horas. Acabei adormecendo sobre um túmulo qualquer. Foi onde eles me encontraram. Dois homens de chapéu. Eles me disseram *'Parabéns Cristina, você é mostrou que tem persistência. Venha conosco, se estiver disposta a dar um salto de fé.'* Então vieram os testes, e todo o resto. No final, tive que mostrar que estava mesmo disposta a deixar tudo para trás. Bem, você já deve saber disso melhor do que ninguém. Isso não faz nem uma semana. E olha como tudo mudou! Agora, estou sentada na sua frente tomando chá.

— Você é uma pessoa muito especial, querida. Merece tudo de bom que virá pela frente. Você veio até nós pela maneira mais difícil. Me orgulho de pessoas assim.

Um guizo soou ao chão e um gato preto surgiu caminhando pelo tapete. O gato miou mansamente. Josephina abaixou-se para

pegar o felino e, quando esticou os braços em direção ao animal, cicatrizes profundas apareceram. Eram cortes irregulares e compridos que se entrecruzavam, espalhados ao redor dos dois braços. Cristina se assustou com a descoberta. Era algo novo, algo que nunca foi descrito nas biografias, nem mesmo registrado nas fotos. O gato repousou sobre o colo de Josephina. A senhora passou a mão delicadamente sobre o pelo aveludado do animal.

— Sabe, querida, esses percalços são mais comuns do que você pensa. De fato, também tive um começo conturbado. Quando lancei o meu primeiro livro, foi um sucesso imediato, *estrandoso*. Mas eu ainda não estava preparada para aquilo. A fama veio cedo demais. Só me dei conta disso quando chegou o momento de publicar o próximo trabalho.

Cristina conhecia bem a biografia de Madame Josephina. Entre o primeiro e o segundo livro, a autora teve um hiato que durara cerca de dez anos.

— Tive medo de não conseguir produzir outro bom livro novamente. De tudo não ter passado de sorte. Não conseguia escrever nada, nem uma linha. Cada palavra parecia ruim, nada me satisfazia. O tempo passou e, pouco a pouco, fui sendo esquecida. Fui como uma estrondosa tempestade de verão, que depois desapareceu por completo. Foi nessa época que recebi o convite. Minha madrinha foi alguém que se encantou com o meu primeiro livro e não entendia o porquê de eu não ter dado prosseguimento à minha carreira.

— Foi então que a senhora lançou *A Companhia do Nada*. E foi outro sucesso, ainda maior que o primeiro livro, não foi?

— Sim, foi. A volta triunfal — disse Josephina, seu rosto pa-

receu se iluminar. Ela continuou a afagar o gato, que encarava Cristina com olhos reluzentes.

— A essa altura, você já deve ter conhecido um pouco da história de nossa sociedade. E já deve saber que após ingressar nesta fraternidade, cada artista produz sua melhor obra. E você já deve ter se perguntado como isso acontece, estou certa?

— Sim, é claro. Acredito que existem muitas coisas que ainda não me foram contadas.

— Você está com medo?

— Medo?

— Do ritual?

— Um pouco.

— Essa foi a parte que mais tive medo quando entrei. O que você sabe sobre o ritual de iniciação?

A pontada no abdome de Cristina voltou ainda mais intensa. Ela teve dificuldade para disfarçá-la.

— Me contaram que a cerimônia se divide em três partes. *A aceitação, a morte e o renascimento.* Já passei pela aceitação. Fiz a marca e o juramento — ela passou os dedos sobre a tatuagem entre os seios — e neste momento, lá embaixo, está acontecendo a minha festa de boas-vindas. Sei que amanhã cedo eles me levarão para o pequeno cemitério que fica nos fundos desta mansão. Então, irei ser colocada dentro de um caixão e cada um dos anciões irá derramar um punhado de terra sobre a minha sepultura. Isso é a morte. Depois de algum tempo, eles irão me retirar de dentro do caixão, e este ato simbolizará a última parte, o meu renascimento para o novo mundo.

Madame Josephina olhou para o gato que estava prestes a

adormecer em seu colo. De repente, era como se ela tivesse envelhecido ainda mais. Parecia uma criatura de outra era.

— E você não está com medo? Do caixão?

— Sinceramente, não.

Cristina esfregava as pontas dos dedos como se estivessem sujas, oleosas.

— Eu perdi tudo, senhora. Nunca tive uma vida fácil. Não tenho amigos, marido ou parentes. Se sumisse no mundo, ninguém sentiria a minha falta. Ficar dentro de um caixão por alguns minutos não pode ser pior que a angústia de não conseguir alcançar os seus sonhos. E sei que quando a tampa do caixão for aberta, poderei vir até essa mansão e escrever o meu melhor livro. Assim como a senhora e muitos outros antes de mim o fizeram.

Houve um instante de silêncio. Madame Josephina ergueu o felino sonolento com dificuldade, como se o animal fosse feito de chumbo, e o colocou de lado. A senhora se levantou e foi até a mesa, no outro lado da sala. *Que horas deveriam ser?* Cristina não fazia noção de há quanto tempo estava conversando. Poderia ter se passado vinte minutos, meia hora talvez? Por certo, os convidados da festa já deveriam estar notando a sua ausência.

Josephina remexeu no interior de uma gaveta. Após alguns instantes, finalmente encontrou o que procurava. De longe, Cristina viu de relance um pequeno frasco. A senhora ergueu o objeto e o examinou contra a luz, então, segurando-o firme na mão, retornou para o sofá.

— Tenho um presente para você.

A senhora lhe entregou o frasco. Dentro do vidro havia uma diminuta porção de um líquido incolor.

— Guarde esse presente bem escondido e não mostre a ninguém. Vou lhe dizer o que é, mas antes, gostaria de lhe contar uma história. — disse a senhora, ao sentar-se no sofá e segurar as mãos de Cristina.

A luz do candelabro se atenuou e o contorno das sombras deixava o rosto da senhora ainda mais velho e pálido. Cristina escondeu o frasco dentro da cinta.

— Eu realmente gostei de você, querida. E somente por isso, vou lhe contar como escrevi aquele livro secreto, Súplicas do Abismo, e você entenderá.

A senhora chegou ainda mais perto.

— Eu era pouco mais nova que você quando entrei nesta sociedade. Como havia dito, estava presa há anos no bloqueio criativo iniciado logo após o meu primeiro livro. Estava tão desesperada que seria capaz de fazer qualquer coisa. Eles me marcaram com o símbolo das Letras e do Cravo. Me trouxeram para essa mansão e deram um banquete em minha homenagem. Bebi e comemorei com eles. A última coisa que me lembro daquela a noite, é de me sentir tonta e com uma insistente dor de cabeça. O resto foi escuridão. Quando acordei, estava dentro do caixão. Fiquei desesperada. Abri os olhos e não vi nada além de escuridão. Não conseguia me mover. Passei muito tempo gritando no escuro, batendo com os punhos na tampa de madeira do caixão cerrado. O tempo foi passando e o ar ficando escasso. No final de tanta agonia, acabei perdendo a consciência novamente.

“Quando enfim acordei, me descobri completamente nua e acorrentada, em uma cela escura. As paredes e o chão eram de pedra fria. As barras grossas e ásperas exalavam um cheiro de fer-

rugem. Estava em um calabouço fétido e úmido.”

“Supliquei, chorei por horas, e ninguém parecia ouvir os meus apelos. Minha única companhia eram os meus gemidos que ecoavam pela masmorra deserta. Depois de muito tempo, finalmente uma figura encapuzada apareceu, segurando uma vela e um prato de comida. Implorei para ele me libertar, mas a figura simplesmente empurrou um prato de comida pelas barras, e então sumiu. E assim os dias foram passando. Depois os meses, os anos...”

“Tentei me matar, mas não consegui. Me perguntava o que eu havia feito para merecer um destino como aquele. Viver o resto de minha vida presa numa cela escura e úmida, chorando sozinha, cagando e mijando num balde, comendo comida podre, bebendo água do chão, dormindo no chão de pedra, sentindo as patinhas dos insetos caminhando sobre o meu corpo. Implorando para que a morte chegasse.”

Cristina olhava para o rosto da senhora, estava em choque. As formas da sala iam se alongando, como se sua percepção estivesse se dissolvendo. A dor no estômago ia aumentando.

— Mas querida, aprendi que nas sombras existem descobertas extraordinárias. A natureza humana é flexível de uma forma que só nos damos conta quando encaramos a verdadeira agonia. Com o passar do tempo, você se acostuma com as trevas, com o gotejar do teto, com a companhia dos insetos e até com a solidão. Quando somos privados das distrações do mundo ordinário, nossa mente se liberta das limitações impostas pelo nosso meio. O tédio e a desolação são os ambientes mais propícios para o surgimento do mais elevado estado de arte.

“Na solidão do meu calabouço, eu escrevi os livros mais fan-

tásticos do mundo. Tudo em minha mente. Conteí e recontei inúmeras vezes. Tive tempo de pensar em todos os detalhes, experimentar, testar, desafiei meus mais profundos preconceitos. Depois de tanto isolamento, sentimentos como vergonha e censura desapareceram de minha consciência. Conceitos como o bem e mal se fundiram, e deixaram de fazer sentido. Uma nova percepção nasceu do fundo do abismo.”

“Então, um dia, eles finalmente me libertaram. Colocaram um cálice em minha cela. Bebi o *presente* e adormeci. Quando acordei, estava deitada numa cama digna de um rei. Era um dos quartos dessa mansão. Haviam criados colocando flores em jarros e um médico me examinando.”

“Sete anos, querida. Esse foi o tempo que fiquei presa no calabouço. Sete longos anos sem ver a luz do sol.”

Cristina precisava sair dali o quanto antes. Ela tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio e caiu sobre o tapete, derrubando a mesinha e quebrando a louça do chá. Estava tonta, o mundo ao seu redor era um carrossel. A dor que vinha da barriga emanava em ondas e alcançava todo o corpo.

— Você poderia dizer que foram sete anos perdidos da minha vida. *Sete anos de agonia*. Bem, não estaria de todo errada. Mas prefiro pensar que foram anos de autoconhecimento e amadurecimento para uma nova percepção do universo. Foi assim que o nosso lema, *Morto para Viver Eternamente*, passou a ter um real sentido para mim. A verdade é que uma semana após sair do calabouço escrevi *Súplicas do Abismo*. E esse livro foi uma obra-prima, como você mesma sabe. Desde então, nunca me faltou inspiração para novos romances. Eu tinha um estoque muito bem abasteci-

do de ideias. E logo você também terá o seu.

A senhora abaixou-se para falar mais perto do ouvido de Cristina. Ela a virou. Cristina encarou teto.

— Agora, ouça querida, lembra-se do frasco?

Cristina agarrou o frasco escondido na cintura, seus olhos lacrimejavam, o mundo começou a ficar escuro. Seus movimentos ficavam cada vez mais fracos. A dormência já tomava conta de seu corpo.

— Esse é o meu presente. Quando você acordar dentro do caixão, você terá que decidir. Escolha se quer beber o conteúdo do frasco ou se prefere enfrentar os anos no calabouço. Você terá que escolher. Esse foi um privilégio que eu não tive.

A senhora se levantou e caminhou vagarosamente de volta para o divã.

Cristina não conseguiu se mover.

A última coisa que ela ouviu antes de perder a consciência foi o som dos passos de homens com máscaras de cachorro, arrastando correntes e entrando na sala.

Ricardo Serafim

Fevereiro/2020

serafim.escritor@gmail.com

www.ricardoserafim.com.br

Histórias de Horror para um mundo assombrado.